

Uma pessoa envelhece enquanto outra nasce, e se o tempo deixa de lado uma ideia, ele o faz acolhendo outra. O algoritmo agora ocupa um lugar central na nossa imaginação. É a segunda grande ideia científica do Ocidente. Não há uma terceira.

Um algoritmo é um *procedimento eficaz*, um modo de fazer uma coisa em um número finito de passos discretos. A matemática clássica é, em parte, o estudo de determinados algoritmos. Na álgebra elementar, por exemplo, os números são substituídos por letras para que se alcance um certo grau de generalidade. Os símbolos são manipulados por meio de regras seguras, práticas. O produto de $(a + b)$ e $(a + b)$ é obtido da seguinte forma: *primeiramente*, a é multiplicado por si mesmo; como segundo passo, a é multiplicado por b duas vezes; e, em terceiro lugar, b é multiplicado por si mesmo. Os resultados são então somados. O resultado é $a^2 + 2ab + b^2$, e é só. Uma máquina poderia executar os passos apropriados. Uma máquina *pode* executar os passos apropriados. Não envolve perícia. E a perícia não é necessária.

No mundo de onde surge a matemática e para o qual o matemático, como nós, deve voltar, **um algoritmo, por assim dizer, é um conjunto de regras, uma receita, uma prescrição para a ação, um guia, uma diretiva concatenada e controlada, uma intimação, um código, um esforço feito para jogar um complexo xale verbal sobre o caos inarticulado da vida.**

BERLINKSI, David. **O advento do algoritmo:** a ideia que governa o mundo. Tradução: Leila Ferreira de Souza Mendes. São Paulo: Globo, 2002. p.16